

Os eixos da estrela disforme

Cynthia Garda

Nasci em Sobradinho há 22 anos. De lá prá cá, mudei e cresci muito. Brasília também.

São mais de 20 secas. A adolescência no cine Atlântida do Conic com tardes no Conjunto Nacional. Inúmeros ônibus pegos na rodoviária e chatices demais resolvidas no Setor Bancário. Se alguém diz que Brasília não é minha, me ofende.

Tenho certeza que ela é passível de umas mexidinhas. Nos lugares onde estão sendo propostas, então, as mudanças não são menos que a minha vontade.

Não conseguiria, mesmo com a melhor das intenções, fazer uma ode às belezas do Setor de Autarquias. Problemas com documentos foram a única razão que já me levou até lá, e acho que, com tanto espaço, podia ter uma praça bonita onde parar caso desse vontade.

O centro de uma cidade vai além da burocracia, bancos e problemas. E aqui já existe uma geração que faz mais do que resolver problemas e sair de férias. E essas pessoas querem se ver, cada vez mais, casualmente em lugares abertos.

Não acho que faça sentido existir uma grande área da cidade, com muito espaço desaproveitado, onde só se concentrem pessoas por razões de trabalho.

Por outro lado, em frente à minha casa no Lago Norte, por mais de dez anos passou uma rua de barro. Brasília mudou e o barro foi pro entorno. Isso tem que ser considerado com prioridade pelo governo do Distrito Federal.

A cidade não tem mais a ver com dois eixos que se cruzam. Virou uma estrela disforme com muitos eixos, vários deles sem luz, asfalto, esgoto. Muito estranho para

É preciso pôr fim à disputa maluca pela posse de Brasília. Quando nasci, eu era dos meus pais, hoje não sou mais

um ícone do Modernismo.

Todos os eixos ainda se encontram no meio da cidade. As crianças de rua que hoje governam o centro do projeto de Lúcio Costa certamente não estavam nos planos. Esses pequenos brasileiros moenos servem de adornos barrocos às linhas retas, modernas e brancas, idealizadas há tantos anos.

Se por um lado a presença dessas crianças expõe a mentira de se manter a cidade estática, inalterada, também representa a gravidade de se encaminharem gastos públicos para o novo projeto do centro de Brasília.

Não apenas porque o dinheiro público não iria para elas, mas talvez porque a necessidade de mudar o centro seja movida por uma vontade de deixar de vê-las, o que seria

cínico, irresponsável.

E quanto dos gastos para mudar o centro serão públicos? Não basta falar em iniciativa privada. Pode soar ingênuo, mas afirmar que a iniciativa privada financiará o projeto muitas vezes ainda se traduz aos ouvidos brasileiros como: alguns poucos empresários farão a festa e não vão terminar as obras.

E o metrô? Dá pra alguém dizer com simplicidade o que foi aquilo? Tem as obras paradas de um shopping no Lago Norte que só não são uma piada por serem um crime.

Qualquer coisa que desande na implementação das mudanças no centro não pode implicar no risco de pensar sobre verbas preciosas para uma cidade que se aproxima velozmente de um caos social grave.

Brasília era um plano, depois uma obra, hoje é uma cidade. Não é mais de Juscelino ou Lúcio Costa. Mas é preciso muito critério para mexer nela. É tombada pelo patrimônio histórico, então também é da humanidade e, não

sem razão, procura-se evitar que sejam cometidos erros possivelmente grosseiros ao se fazerem as mudanças.

Com que critérios será selecionado o projeto vencedor?

Um dia, voltando da aula ao meio-dia, vi o que eu achava a mais bela construção de Brasília transformada num bolo de confeitaria. Chocada, em casa dei a notícia: pintaram a catedral de branco. Ninguém conseguia sequer imaginar aquilo.

A família inteira se pôs num carro, viu o estrago e ficou de luto. Depois de duas décadas em Brasília, a gente preza o concreto e não é só a Unesco que quer saber o que vai acontecer com ele.

Há 22 anos não havia mendigos. Muitas pessoas saudosas falam disso na cidade. Esqueçam as saudades, o Brasil finalmente chegou a Brasília e, afinal de contas, não era esse o plano?

Parece engraçado, mas o plano sabotou o projeto. Ninguém faz nada contra algo que não vê. O governo federal e o funcionário público têm que esbarrar com crianças de rua a caminho do trabalho, ou se finge que elas não existem.

Mais que isso, Brasília não é mais uma ilha.

Toda a questão das mudanças no projeto da cidade converge, como os muitos eixos da cidade estrela, num ponto: bom senso.

É preciso pôr fim à disputa maluca pela posse de Brasília. Quando eu nasci, eu era dos meus pais, hoje não sou mais. Isso não quer dizer que nada mais incida sobre minha vida e meu destino, continuo sendo de um país, de uma universidade, de um planeta, de uma cidade. É preciso um pouco de bom senso, mas em exagero ele é paralisante, e eu estou muito nova pra estancar. Brasília também.

A cidade está em crise como um adulto novo. Crise atrasada, normal num país onde tanta gente demora tanto a sair de casa e assumir sua independência. Por um tempo, proliferarão os pais perdidos com fim da posse da filha. E isso não pode implicar em novos erros ou atrasos.

■ Cynthia Garda estuda comunicação na Universidade de Brasília.